

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO TRÊS

A FÚRIA DOS REIS



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



*Para John e Gail,
por tudo o que partilhámos*

PRÓLOGO

A cauda do cometa espalhava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos de Pedra do Dragão como uma ferida num céu de rosa e púrpura.

O Mestre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves sarapintavam as gárgulas que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados, um mastim do inferno e uma viverna, dois exemplares do milhar que cismava empoleirado nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara a Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas com a passagem dos anos, fora-se-lhes acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, assaltados por pressentimentos.

O Mestre não acreditava em presságios. E no entanto... apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, daquela cor terrível, a cor do sangue, da chama e dos ocasos. Perguntou a si próprio se as suas gárgulas já teriam visto algo de semelhante. Já ali estavam longo tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de partir. Se línguas de pedra falassem...

Que tontice. Encostou-se às ameias, com o mar a esmagar-se lá em baixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. *Sou um velho acabado, tornado de novo leviano como uma criança.* Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um mestre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um trabalhador agrícola ignorante?

E no entanto... no entanto... o cometa brilhava agora até de dia, enquanto vapor cinzento-claro se erguia das fumarolas quentes de Monte Dragão, atrás do castelo, e na manhã anterior um corvo branco trouxera notícias da própria Cidadela, notícias há muito esperadas mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do Verão. Tudo presságios. Demasiados para serem negados. *Que significa tudo isto?*, quis gritar.

— Mestre Cressen, temos visitantes. — Pylos falou suavemente, como se se sentisse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se conhecesse os disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. — A

princesa deseja ver o corvo branco. — Sempre correcto, Pylos chamava-lhe agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande mar salgado, mas rei de qualquer forma. — Traz consigo o bobo.

O velho virou costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a viverna a fim de se equilibrar.

— Ajuda-me a alcançar a cadeira e manda-os entrar.

Tomando-lhe o braço, Pylos levou-o para dentro. Na juventude, Cressen caminhara vivamente, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Dois anos antes, caíra e partira uma anca, que nunca chegara a sarar bem. No ano anterior, quando adoecera, a Cidadela enviara Pylos de Vilavelha, apenas dias antes de o Lorde Stannis ter encerrado a ilha... para o ajudar nas suas tarefas, dissera-se, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para o substituir quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar o seu lugar, e mais brevemente do que teria preferido...

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

— Vai buscá-la. É mau deixar uma senhora à espera. — Acenou com uma mão, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, e de tal modo fina e com uma textura de papel que podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por debaixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que em tempos tinham sido tão seguras e destros...

Quando Pylos regressou, a rapariga veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquela sua estranha maneira oblíqua, veio o bobo. Trazia na cabeça um elmo fingido feito de um velho balde de estanho, com um par de hastes de veado atado ao topo e decorado com badalos. A cada passo deslizante, os badalos soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang bong-dong, ring-a-ling clong clong clong*.

— Quem nos vem visitar tão cedo, Pylos? — disse Cressen.

— Sou eu e o Malhas, Mestre. — Olhos azuis sem malícia pestanejaram na sua direcção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projectado do senhor seu pai, e as infelizes orelhas da mãe, bem como um desfiguramento só seu, o legado do ataque de escamagris que quase a matara em bebé. Desde a metade inferior da bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a pele rígida e morta, com a cútis estalada e a escamar, manchada de negro e cinzento, semelhando pedra ao toque. — Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

— Realmente podeis — respondeu Cressen. Como se alguma vez lho negasse. A rapariga tinha sofrido negativas demasiado frequentes na

vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que o Mestre Cressen conhecera. *A sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu falhanço*. — Mestre Pylos, fazei-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

— O prazer será meu. — Pylos era um jovem bem-educado que não tinha mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais *vida*; era isso que fazia aqui falta. Os lugares sombrios necessitavam de ligeireza, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha nas traseiras. Um mestre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen viera para ali com o seu senhor havia cerca de doze anos, e servira, e servira bem. Mas nunca amara Pedra do Dragão, nem se sentira verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde se encontrava.

O bobo virou a sua cabeça manchada e sarapintada para observar Pylos a trepar os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Os seus badalos soaram com o movimento.

— Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas — disse ele, *clangalangando*. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era uma coisa digna de dó. Talvez em tempos tivesse sido capaz de arrancar rajadas de gargalhadas com um dito de espírito, mas o mar roubara-lhe esse poder, juntamente com metade da inteligência e toda a memória. Era mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, e era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A rapariga era a única que agora se ria dele, a única que se importava por ele estar vivo ou morto.

Uma rapariguinha feia e um bobo triste, e com o Mestre faz três... ora aí está uma história boa para pôr os homens a chorar.

— Sentai-vos comigo, filha. — Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. — É cedo para vir de visita, pouco passa da alvorada. Devíeis estar aconchegada na cama.

— Tive pesadelos — disse-lhe Shireen. — Com os dragões. Vinham comer-me.

Cressen não se lembrava de a miúda não sofrer de pesadelos.

— Já conversámos sobre isto — disse ele com gentileza. — Os dragões não podem ganhar vida. São esculpidos em pedra, filha. Nos dias de antanho, a nossa ilha era o mais ocidental posto avançado da grande Cidade Livre de Valíria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham

maneiras de dar forma à pedra que desde então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para as defender. Os valirianos deram forma de dragões a estas torres para fazer com que a sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com um milhar de gárgulas em vez de simples ameias. — Tomou a pequena mão cor-de-rosa da rapariga na sua mão manchada e frágil e deu-lhe um suave apertão. — Por isso, como vedes, nada há a temer.

Shireen não estava convencida.

— Então e a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam a conversar junto ao poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão a respirar, não quer isso dizer que estão a ganhar vida?

A mulher vermelha, pensou amargamente o Mestre Cressen. *Já é suficientemente mau que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha?* Teria uma conversa severa com Dalla, preveni-la-ia para não andar a espalhar tais histórias.

— A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista no nosso tempo de vida. Esperai e vereis.

Shireen fez um corajoso acenozinho com a cabeça.

— A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é Verão.

— É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela. — Os dedos de Cressen subiram à corrente que lhe rodeava o pescoço, cada elo da qual fora forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de mestre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com ligeireza, mas agora parecia-lhe pesado e o metal era frio de encontro à sua pele. — São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e são criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio dizer-nos que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos mestres por todo o reino, e declarou que este longo Verão finalmente terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezasseis dias, o mais longo Verão de que há memória.

— Agora vai ficar frio? — Shireen era uma criança do Verão, e nunca experimentara o verdadeiro frio.

— A seu tempo — respondeu Cressen. — Se os deuses forem bondosos, oferecer-nos-ão um Outono quente e colheitas abundantes para que nos possamos preparar para o Inverno que aí vem. — O povo dizia que um Verão longo significava um Inverno ainda mais longo, mas o Mestre não encontrava motivo para assustar a criança com tais histórias.

Cara-Malhada fez soar os seus badalos.

— É *sempre* Verão debaixo do mar — entoou. — As sereias casadas usam gemirais no cabelo e cosem vestidos de algas de prata. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Shireen soltou um risinho.

— Eu gostava de ter um vestido de algas de prata.

— Debaixo do mar, neva para cima — disse o bobo — e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

— Vai mesmo nevar? — perguntou a criança.

— Vai — disse Cressen. *Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo.* — Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de deleite. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam que não se tratava de um mero albino mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

— Aqui — chamou o Mestre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até ir pousar na mesa ao lado dele.

— Vou agora tratar do vosso pequeno-almoço — anunciou Pylos. Cressen anuiu com a cabeça.

— Esta é a Senhora Shireen — disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se estivesse a fazer vénias. “*Senhora*”, crocitou. “*Senhora*”.

A boca da criança escancarou-se.

— Ele *fala!*

— Algumas palavras. Como eu disse, estas aves são espertas.

— Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto — disse o Cara-Malhada com uma voz desagradável. — Oh, bobo esperto, esperto, esperto. — Desatou a cantar. — *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* — cantou, saltitando de um pé para o outro e do outro para o primeiro. — *As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor.* — Inclina a cabeça a cada palavra, fazendo estrondear os badalos presos às hastes.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

— Ele canta aquilo o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não pára. Assusta-me. Fazer com que pare.

E como faço eu isso?, perguntou o velho a si próprio. *Em tempos poderia tê-lo silenciado para sempre, mas agora...*

Cara-Malhada chegara-lhes em rapaz. O Lorde Steffron, de boa memória, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei — o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão louco assim nesses tempos — enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o Príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. “Encontrámos o mais magnífico dos

bobos”, escrevera a Cressen, uma quinzena antes de ser tempo de regressar da infrutífera missão. “É apenas um rapaz, mas é ágil como um macaco e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo, adivinhas e magia e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Comprámos a sua liberdade, e esperamos trazê-lo connosco para casa. Robert ficará deleitado com ele e, com o tempo, talvez até consiga ensinar Stannis a rir.”

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Stannis não fora ensinado a rir por ninguém, muito menos pelo jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, *Orgulho do Vento*, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos tinham observado o navio do pai a ser esmagado de encontro aos rochedos e engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram-se com Lorde Steffron Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias, todas as marés deixavam uma nova colheita de cadáveres inchados na praia por baixo de Ponta Tempestade.

O rapaz dera à costa ao terceiro dia. O Mestre Cressen descera com os outros, a fim de ajudar a atribuir nomes aos mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca e enrugada, e cheia de areia molhada. Cressen julgara que se tratava de mais um cadáver, mas quando Jommy o agarrara pelos tornozelos a fim de o arrastar para o carro funerário, o rapaz tossira água e sentara-se. Até ao dia da sua morte, Jommy jurara que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém conseguira explicar aqueles dois dias que o bobo passara perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia lhe ensinara a respirar água em troca da sua semente. O próprio Cara-Malhada nada dissera. O rapaz espirituoso e inteligente nunca chegara a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar. Mas a sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar as caras dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido tatuada em quadrados vermelhos e verdes.

— O desgraçado está louco, e com dores, e não tem serventia para ninguém, especialmente para si próprio — declarara o velho Sor Harbert, nesses tempos castelão de Ponta Tempestade. — A coisa mais bondosa que podeis fazer com esse tipo é encher-lhe a taça com o leite da papoila. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele abençoar-vos-ia se tivesse esperteza para isso. — Mas Cressen recusara, e acabara por vencer. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha obtido alguma alegria dessa vitória, nem mesmo agora, tantos anos depois.

— *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* — continuou o bobo a cantar, abanando a cabeça e fazendo os badalos ressoar. *Bong dong, ring-a-ling, bong dong.*

“*Senhor*”, guinchou o corvo branco. “*Senhor, senhor, senhor.*”

— Um bobo canta o que lhe apetece — disse o Mestre à sua ansiosa princesa. — Tendes de não levar a peito as suas palavras. De manhã, poderá lembrar-se de outra canção, e esta nunca mais será ouvida. — *Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas*, escrevera Lorde Steffron...

Pylos entrou a passos largos.

— Mestre, as minhas desculpas.

— Esqueceste-te das papas — disse Cressen, divertido. Aquilo não era nada de Pylos.

— Mestre, Sor Davos regressou ontem à noite. Estavam a falar disso na cozinha. Achei que querieis saber de imediato.

— Davos... ontem à noite, dizes tu? Onde está ele?

— Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos idos, Lorde Stannis tê-lo-ia acordado a qualquer hora, para o ter junto a si, a fim de o aconselhar.

— Devia ter sido informado — queixou-se Cressen. — Devia ter sido acordado. — Desprendeu os dedos dos de Shireen. — As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor vosso pai. Pylos, dá-me o braço. Há demasiados degraus neste castelo, e parece-me que acrescentam uns quantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada seguiram-nos, mas a menina rapidamente se cansou do passo rastejante do velho e correu à frente, com o bobo a balançar atrás dela fazendo retinir loucamente os badalos.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen foi recordado de que os castelos não são lugares amigos dos homens frágeis. Lorde Stannis estaria na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como as suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermédia e interna com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais degraus do que queria imaginar. Os jovens trepavam degraus dois a dois; para velhos com ancas em mau estado, cada degrau era um tormento. Mas o Lorde Stannis não pensaria em vir ter com ele, por isso o Mestre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para o ajudar, e por isso sentia-se grato.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram em frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada sobre a muralha exterior e a aldeia piscatória que se erguia mais adiante. No pátio,

arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de “Encaixar, puxar, largar”. As setas faziam um som que era como o de um bando de pássaros a levantar voo. Guardas caminhavam pelos adarves, espreitando por entre as gárgulas a hoste acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoado com o fumo de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que chegara à vista de Pedra do Dragão ao longo do último ano tinha sido autorizada a voltar a partir. A *Fúria* de Lorde Stannis, uma galé de guerra com três cobertas e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de algumas das carracas e cocas de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam os Meistres e deixaram-nos entrar.

— Espera aqui — disse Cressen a Pylos, lá dentro. — É melhor que fale com ele a sós.

— É uma longa subida, Mestre.

Cressen sorriu.

— Pensas que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

A meio da subida, arrependeu-se da decisão. Parara para recuperar o fôlego e aliviar a dor na anca quando ouviu o raspar de botas em pedra e ficou cara a cara com Sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino, com o baixo nascimento escrito com clareza num rosto comum. Um manto cinzento desgastado, manchado de sal e maresia e desbotado pelo Sol, envolvia-lhe os ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia-lhe de uma correia passada em volta do pescoço. A sua barba curta estava bem salpicada de cinzento, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

— Sor Davos — disse o Mestre. — Quando haveis regressado?

— Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida. — Dizia-se que ninguém manobrava um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de Lorde Stannis o ter armado cavaleiro, fora o mais notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

— E?

O homem abanou a cabeça.

— É como o prevenistes. Não se levantarão, Mestre. Por ele, não. Não gostam dele.

Não, pensou Cressen. Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz, mesmo...

sim, mesmo para lá da sabedoria... mas não basta. Nunca bastou.

— Falastes com todos?

— Todos? Não. Só os que quiseram encontrar-se comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas. — A mão esquerda cerrou-se, com os dedos curtos a formar um punho; Stannis cortara-lhes as pontas, a todos menos ao polegar. — Partilhei pão com Guilan Swann e com o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros... bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e Lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

— A Guarda Arco-Íris?

— Renly criou a sua própria Guarda Real — explicou o antigo contrabandista — mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era precisamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos atavios para proclamá-la. Mesmo em rapaz, Renly adorara cores brilhantes e tecidos ricos, e também adorara os seus jogos. “Olhai-me!”, gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. “Olhai-me, sou um dragão” ou “Olhai-me, sou um feiticeiro” ou “Olhai-me, olhai-me, sou o deus das chuvas”.

O ousado rapazinho com cabelo negro desordenado e risos nos olhos era agora um homem feito, com vinte e um anos, a ainda jogava os seus jogos. *Olhai-me, sou um rei*, pensou tristemente Cressen. *Oh, Renly, Renly, querido filho, saberás o que estás a fazer? E importar-te-ias se soubesses? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?*

— Que motivos deram os senhores para as recusas? — perguntou a Sor Davos.

— Bem, quanto a isso, alguns deram-me palavras suaves e outros rudes, alguns arranjaram desculpas, outros promessas, outros limitaram-se a mentir. — Encolheu os ombros. — No fim de contas, as palavras não passam de vento.

— Não seríeis capaz de lhe trazer esperança?

— Só do tipo falso, e eu não faria isso — disse Davos. — De mim, ouviu a verdade.

O Mestre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. O Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano, contra a grande hoste dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava vedado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne que ostentavam as bandeiras cor de borgonha da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos há muito

tinham sido comidos, os cães e os gatos tinham desaparecido, e a guarnição estava reduzida a raízes e ratazanas. Então chegara uma noite em que a Lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolvido nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiara o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. O seu pequeno navio tinha casco negro, velas negras, remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas mantivera a guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

O Lorde Stannis recompensara Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza, e o título de cavaleiro... mas também decretara que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos os seus anos de contrabando. Davos submetera-se, na condição de que fosse o próprio Stannis a manejar a faca; não aceitaria qualquer punição vinda de mãos menores. O senhor usara um cutelo de magarefe, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolhera o nome Seaworth para a sua nova casa, e tomara como estandarte um navio negro em fundo cinzento-claro... com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que Lorde Stannis lhe fizera uma mercê, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

Não, pensou Cressen, um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura.

— Sor Davos, a verdade pode ser uma golada amarga, mesmo para um homem como Lorde Stannis. Ele só pensa em regressar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu de direito. Mas agora...

— Se levar a sua escassa hoste para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conheceis o seu orgulho. — Davos ergueu a mão enluvada. — Os meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom senso.

O velho soltou um suspiro.

— Fizestes tudo o que podíeis. Agora devo somar a minha voz à vossa. — Fatigadamente, reatou a subida.

O refúgio de Lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra e nua e quatro janelas altas e estreitas que se abriam para as quatro pontas do compasso. No centro do aposento encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma massiva prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento, talvez metade desse valor em largura, no ponto mais largo, mas menos de metro e vinte no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham-lhe dado

a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse direita. Na sua superfície, escurecida por quase trezentos anos de verniz, encontravam-se pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava ao largo da costa de Westeros, e levantada a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um justilho de couro bem apertado e calções de grosseira lã castanha. Quando o Mestre Cressen entrou, deitou um relance para cima.

— Eu sabia que *vós* viríeis, velho, convocasse-vos ou não. — Não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e, pela graça dos deuses, o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, era largo de ombros e vigoroso de membros, com um retesamento no rosto e na pele que lembrava couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era *duro*, e ele de facto era duro. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando-lhe a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa. O irmão, o falecido Rei Robert, deixara crescer uma barba nos seus últimos anos. O Mestre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa desordenada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha a barba aparada curta. Espalhava-se como uma sombra negra-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Os seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar, à noite. A boca teria levado ao desespero o mais truão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que se esquecera de como se sorria e que nunca soubera como era rir. Por vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, o Mestre Cressen imaginava que conseguia ouvir o Lorde Stannis a ranger os dentes a meio castelo de distância.

— Em tempos, teríeis mandado acordar-me — disse o velho.

— Em tempos, fostes novo. Agora sois velho e doente e precisais de dormir. — Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, a disfarçar ou a lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. — Eu sabia que saberíeis em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

— Não vos seria de nenhuma utilidade se assim não fosse — disse Cressen. — Encontrei Davos na escada.

— E ele contou tudo, suponho? Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

— Assim, fraco enviado seria.

— De qualquer forma foi fraco enviado. Os senhores da Tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os cobardes ficarão quietos atrás das suas muralhas à espera de ver como se ergue o vento e quem é provável que triunfe. Os corajosos já se declararam por Renly. Por *Renly!* — Cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

— O vosso irmão tem sido senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são seus vassalos ajuramentados...

— *Seus* — interrompeu Stannis — quando de direito deviam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí a sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser para com um mais velho, como Renly devia ser comigo. E quais foram os agradecimentos de Robert? Nomeia-me Senhor de Pedra do Dragão e dá Ponta Tempestade e os seus rendimentos a *Renly*. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; de direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Aqui estava o coração da fraqueza do seu senhor; pois Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de um punhado apenas de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população demasiado escassa para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do Mar Estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito mais pequena do que necessitava de ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

— Robert fez-vos uma injustiça — respondeu cuidadosamente o Mestre Cressen — mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era há muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e Renly era apenas uma criança.

— Ele ainda é uma criança — declarou Stannis, com a ira a ressoar, sonora, no salão vazio —, uma criança ladra que pensa em surripiar-me a coroa da testa. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com o Mindinho, e nos torneios enverga a sua magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. O meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que devia ser um rei. Pergunto-vos, porque me puniram os deuses com *irmãos*?

— Não posso responder pelos deuses.

— Pois a mim parece que nos dias que correm, é raro que respondeis de todo. Quem é o meistre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo, poderei gostar mais dos seus conselhos. Que julgais que este meistre disse quando o meu irmão decidiu roubar-me a coroa? Que conselho terá o vosso colega oferecido àquele traçoeiro sangue do meu sangue?

— Surprender-me-ia se Lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça. — O mais novo dos três filhos de Lorde Steffron transformara-se num homem corajoso mas impetuoso, que agia por impulso e não por calculismo. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert e completamente diferente de Stannis.

— *Vossa Graça* — respondeu Stannis amargamente. — Troçais de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra do Dragão e um punhado de rochedos no Mar Estreito, eis o meu reino. — Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo cair a sombra sobre a foz da Torrente da Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, a cismar sobre o território que pretendia reclamar, tão perto e no entanto tão longe. — Esta noite devo jantar com os senhores meus vassallos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o miserável bando. Fraca colheita, em boa verdade, mas são aquilo que os meus irmãos me deixaram. Aquele pirata liseno, Salladhor Saan estará lá com o último total do que lhe devo, e Morosh, o mirano, advertir-me-á com conversas sobre marés e ventanias de Outono, enquanto o Lorde Sunglass resmungua piedosamente acerca da vontade dos Sete. Celtigar quererá saber quantos dos senhores da Tempestade se nos irão juntar. Velaryon ameaçará levar os seus recrutas para casa a menos que ataquemos de imediato. Que lhes hei-de dizer? Que devo fazer agora?

— Os vossos verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor — respondeu o Meistre Cressen. — Se vós e o vosso irmão fizessem causa comum contra eles...

— Não negociarei com Renly — respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. — Pelo menos enquanto ele chamar rei a si próprio.

— Nesse caso, com Renly não — cedeu o Meistre. O seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia a alguma coisa, não havia maneira de o fazer mudar de ideias. — Outros poderão também servir às vossas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte, e tem atrás de si todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

— Um rapazinho verde — disse Stannis — e outro falso rei. Deverei aceitar um reino mutilado?

— Certamente que metade de um reino é melhor do que nada — disse Cressen — e se ajudardes o rapaz a vingar o assassinio do pai...

— Porque haveria eu de vingar Eddard Stark? O homem não me era

nada. Oh, o *Robert* adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi eu isso? *Eu* é que era o irmão dele, não o Ned Stark, mas pela maneira como me tratava, nunca o teríeis adivinhado. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passar fome enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banquetavam à vista das minhas muralhas. Ter-me-á Robert agradecido? Não. Agradeceu ao *Stark*, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota às ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Ter-me-á pegado na mão e dito, *Muito bem, irmão, que faria eu sem ti?* Não, culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebé, como se eu tivesse podido impedi-lo. Sentei-me no seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino enquanto Robert bebia e frequentava prostitutas, mas quando Jon morreu, será que o meu irmão me nomeou sua Mão? Não, partiu a galope para junto do seu querido amigo Ned Stark, e ofereceu-lhe essa honra. E de pouco valeu a qualquer deles.

— Seja como for, senhor — disse gentilmente o Mestre Cressen —, grandes injustiças foram cometidas contra vós, mas o passado é poeira. O futuro pode ainda ser conquistado se vos juntardes aos Stark. Há outros que também poderíeis sondar. E a Senhora Arryn? Se a rainha lhe assassinou o marido, ela certamente quererá obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se prometêsseis Shireen ao rapaz...

— O rapaz é fraco e enfermiço — objectou o Lorde Stannis. — Mesmo o pai via como ele era quando me pediu para o criar em Pedra do Dragão. O serviço como pajem poderia ter-lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar o Lorde Arryn antes da coisa feita, e agora Lysa esconde-o no Ninho de Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto-vos.

— Então tereis de enviar Shireen para o Ninho de Águia — sugeriu o Mestre. — Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixai que o bobo vá com ela, para que tenha por perto uma cara familiar.

— Familiar e medonha. — Stannis franziu o sobrolho enquanto reflectia. — Mesmo assim... talvez valha a pena tentar...

— Deverá o Senhor de direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? — perguntou penetrantemente uma voz de mulher.

O Mestre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

— Minha senhora — disse, desgostoso por não a ter ouvido entrar.

O Lorde Stannis carregou o olhar.

— Eu não suplico. De ninguém. Procura lembrar-te disto, mulher.

— Agrada-me ouvi-lo, senhor. — A Senhora Selyse era tão alta como o marido, com um corpo magro e uma cara magra, orelhas proeminentes, um nariz afiado, e a mais leve sugestão de um bigode no lábio superior.

Arrancava os pêlos todos os dias e amaldiçoava-os regularmente, mas nunca deixavam de regressar. Os seus olhos eram claros, a boca severa, a voz um chicote. Agora, fazia-o estalar. — A Senhora Arryn deve-vos lealdade, tal como os Stark, o vosso irmão Renly e todos os outros. Sois vós o seu rei verdadeiro. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é vosso por direito, pela graça de deus.

Deus, disse ela, e não *deuses*. A mulher vermelha conquistara-a, de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para adorar aquele a que chamavam Senhor da Luz.

— O vosso deus pode ficar com a sua graça — disse o Lorde Stannis, que não partilhava a fervente nova fé da mulher. — É de espadas que eu preciso, não de bênçãos. Tereis escondido em algum sítio um exército de que não me tenhais falado? — Não havia afecto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partira para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixara Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria o seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso qualquer prazer, e os filhos que em tempos esperara nunca tinham chegado.

— Os meus irmãos, tios e primos têm exércitos — disse-lhe ela. — A Casa Florent juntar-se-á à vossa bandeira.

— A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas. — Dizia-se que Stannis conhecia a força de cada Casa dos Sete Reinos. — E vós tendes bastante mais fé nos vossos irmãos e tios do que eu, minha senhora. As terras dos Florent ficam demasiado próximas de Jardim de Cima para que o senhor vosso tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

— Há outra forma. — A Senhora Selyse aproximou-se. — Olhai pelas vossas janelas, senhor. Ali está o sinal por que esperáveis, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o *seu* estandarte... e o vosso! Vede como se desenrola pelos céus como o sopro quente de um dragão, e vós sois Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a vossa hora chegou, Vossa Graça. Nada há de mais certo. Estais destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpar um dia, para varrer todos à vossa frente como ele fez. Basta que digais uma palavra, e acolhais o poder do Senhor da Luz.

— Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? — quis de novo saber Stannis.

— Todas as que vos fizerem falta — prometeu a mulher. — As espadas de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassallos.

— Davos dir-vos-ia outra coisa — disse Stannis. — Essas espadas estão ajuramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão como anteriormente adoravam Robert... e como nunca me adoraram a mim.

— Sim — respondeu ela —, mas se Renly morresse...

Stannis olhou a sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

— Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu...

— *Loucuras?* Eu chamo-lhes traições. — Stannis voltou a virar-se para a mulher. — O meu irmão é jovem e forte, e tem uma vasta hoste em seu redor e aqueles seus cavaleiros do Arco-Íris.

— Melisandre estudou as chamas, e viu-o morto.

Cressen ficou horrorizado.

— Fratricídio... senhor, isso é uma *maldade*, impensável... por favor, escutai-me.

A Senhora Selyse deitou-lhe um olhar medido.

— E que lhe diríeis vós, Mestre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for ter com os Stark de joelhos e vender a nossa filha a Lysa Arryn?

— Já ouvi os vossos conselhos, Cressen — disse o Lorde Stannis. — Agora ouvirei os dela. Estais dispensado.

O Mestre Cressen dobrou um joelho rígido. Conseguia sentir os olhos da Senhora Selyse nas suas costas enquanto arrastava lentamente os pés pela sala fora. Quando chegou ao fundo da escada, só com grande dificuldade se conseguia manter de pé.

— Ajuda-me — disse a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou embora o homem mais novo e coxeou até à varanda uma vez mais, para se juntar às suas gárgulas e observar o mar. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado em cores alegres, a abrir as águas cinzentas-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou a olhá-lo até que desapareceu atrás de um promontório. *Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente.* Teria vivido tanto tempo para isto?

Quando um mestre colocava o seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos, mas, apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly... três filhos que educara depois de o mar em fúria ter reclamado o Lorde Steffron. Teria feito tão mau trabalho que agora seria forçado a ver um deles matar o outro? Não podia permiti-lo, não *iria* permiti-lo.

A mulher era a chave. Não a Senhora Selyse, a *outra*. A mulher vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de lhe dizer o nome.

— Eu direi o seu nome — disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. — Melisandre. *Ela*. — Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante, e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Melisandre, cuja loucura não podia ser deixada espalhar-se para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos tateantes, o velho acendeu uma vela e levou-a para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde os seus unguentos, poções e medicamentos se encontravam ordenadamente arrumados nas prateleiras. Na prateleira de baixo, por detrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que o seu dedo mindinho. Chocalhava quando o abanava. Cressen soprou uma camada de pó e levou-o para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha de vidro e despejou o conteúdo do frasco. Uma dúzia de cristais, não maiores do que sementes, tamborilaram no pergaminho que estivera a ler. Brillhavam como jóias à luz da vela, de um tom de púrpura tão verdadeiro que o Mestre deu por si a pensar que nunca tinha antes visto realmente a cor.

A corrente em torno do pescoço parecia-lhe muito pesada. Tocou ligeiramente num dos cristais com a ponta do mindinho. *Que pequena é esta coisa para conter o poder da vida e da morte*. Era feito de uma certa planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água de açúcar e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois podiam ser deitadas fora, mas a poção tinha de ser engrossada com cinza e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes dispendiosos e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys conheciam-no, bem como os Homens Sem Cara de Bravos... e os mestres da sua Ordem, se bem que não fosse algo de que se falasse para lá das muralhas da Cidadela. O mundo inteiro sabia que um mestre forjava o seu elo de prata quando aprendia as artes curativas... mas o mundo preferia esquecer que os homens que sabiam curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os asshai'i davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado “o estrangulador”. Dissolvido em vinho, fazia os músculos da garganta de um homem cerrar-se com mais força do que qualquer punho, fechando-lhe a traqueia. Dizia-se que a cara da vítima se tornava tão púrpura como a pequena semente de cristal de onde nascera a sua morte, mas o mesmo acontecia a um homem que sufocasse com um bocado de comida.

E naquela mesma noite, o Lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassallos, à senhora sua esposa... e à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

Tenho de descansar, disse o Mestre Cressen a si próprio. *Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando chegar a noite. As minhas mãos não podem tremer, a minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me perdoarão.* Tinha andado a dormir tão mal ultimamente. Uma sesta refrescá-lo-ia para a provação que o esperava. Fatigadamente, cambaleou até à cama. Mas quando fechou os olhos, conseguia ainda ver a luz do cometa, vermelha, ferosa e brilhantemente viva por entre a escuridão dos seus sonhos. *Talvez seja o meu cometa*, pensou sonolentemente por fim, mesmo antes de ser tomado pelo sono. *Um presságio de sangue, predizendo o assassínio... sim...*

Quando acordou, era noite cerrada, tinha o quarto negro e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça a latejar. Agarrando com força a bengala, pôs-se instavelmente em pé. *Tão tarde*, pensou. *Não me chamaram.* Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, junto de Lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do rapaz que fora, em pé, ao frio e na sombra, enquanto o Sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert fizera primeiro, e melhor. Pobre rapaz... tinha de apressar-se, a bem *dele*.

O mestre encontrou os cristais onde os deixara e recolheu-os de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ociosos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido cosidos do lado de dentro das grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, abriu a porta com força e chamou:

— Pylos? Onde estás? — Quando não obteve resposta, voltou a chamar, mais alto. — Pylos, preciso de ajuda. — Continuou a não haver resposta. Era estranho; o jovem mestre tinha a cela apenas a meia volta mais abaixo, na escada, bem ao alcance da sua voz.

Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

— Apressai-vos — disse-lhes. — Dormi demasiado. Por esta altura já estão no banquete... a beber... Devia ter sido acordado. — Que teria acontecido ao Mestre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento nocturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo consigo o cheiro vivo do mar. Archotes tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento que se estendia para lá delas, conseguia ver centenas de fogueiras para cozinhar a arder, como se um campo de estrelas tivesse caído

sobre a terra. No alto, o cometa refulgia, vermelho e malévolo. *Sou demasiado velho e sábio para temer coisas destas*, disse o Mestre a si próprio.

As portas que abriam para o Grande Salão tinham sido instaladas na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados para o deixarem do lado de fora. Seria melhor entrar só; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu o último punhado de degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir das facas e dos pratos e do profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu o Cara-Malhada a cantar "... *dançar, senhor, dançar, senhor*" acompanhado por badalos sem harmonia. A mesma canção horrível que cantara de manhã. "*As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor.*" As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães de mercenários, desfazendo nacos de pão negro para o ensopar nos seus estufados de peixe. Ali, não havia risos sonoros, nem gritos obscenos como os que desfiguravam a dignidade dos banquetes de outros homens; o Lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direcção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os badalos a tocar, o bobo não o viu nem ouviu os seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para a outra, Cara-Malhada guinou sobre Cressen, pontapeando a bengala e fazendo-a fugir de debaixo do Mestre. Tombaram juntos sobre as esteiras, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de riso se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espectáculo era cómico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do Mestre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Perdera o elmo de estanho com as hastes e badalos.

— Debaixo do mar, cáimos para *cima* — declarou. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e executou uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o Mestre fez um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sentia tantas dores na anca que por um momento chegou a temer tê-la partido de novo. Sentiu-se a ser agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram em pé.

— Obrigado, sor — murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros viera em sua ajuda...

— Mestre — disse a Senhora Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do Mar de Jade. — Devíeis tomar mais cuidado.

— Como sempre, vestia-se de vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido largo de leve seda brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete que deixavam ver relances de um tecido mais escuro, vermelho de sangue, que trazia por baixo. Em torno da garganta, trazia uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de meistre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era da cor alaranjada ou cor de morango dos ruivos comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz dos archotes. Até os seus olhos eram vermelhos... mas a pele era lisa e branca, sem manchas, alva como natas. E era esguia, graciosa, mais alta do que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um meistre. Muitos diziam que era bela. Não era bela. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

— Eu... agradeço-vos, senhora.

— Um homem da vossa idade deve ver onde põe os pés — disse cortesmente Melisandre. — A noite é escura e cheia de terrores.

Conhecia a frase, uma prece qualquer da sua fé. *Não importa, eu tenho uma fé própria.*

— Só as crianças temem a escuridão — disse-lhe. Mas mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu o Cara-Malhada retomar de novo a sua canção “*As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor.*”

— Ora aí está um mistério — disse Melisandre. — Um bobo esperto e um sábio pateta. — Dobrando-se, ergueu do chão o elmo de Cara-Malhada e colocou-o na cabeça de Cressen. Os badalos ressoaram suavemente quando o balde de estanho lhe deslizou sobre as orelhas. — Uma coroa que combina com a vossa corrente, Senhor Meistre — anunciou ela. A toda a volta, havia homens a rir.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela pensava que ele era frágil e impotente, mas iria aprender que não era assim antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um meistre da Cidadela.

— Não necessito de coroa alguma além da verdade — disse-lhe, tirando o elmo do bobo da cabeça.

— Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha. — Melisandre virou-lhe as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de regresso à mesa elevada, onde se encontrava o Rei Stannis e a sua rainha. Cressen entregou o balde de estanho com as hastes a Cara-Malhada, e fez um movimento para a seguir.

O Meistre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só pôde parar e ficar a olhar.

— Mestre Pylos — disse por fim. — Vós... vós não me haveis acordado.

— Sua Graça ordenou-me que vos deixasse repousar. — Pylos mostrou pelo menos a cortesia de corar. — Disse-me que não éreis necessário aqui.

Cressen observou os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O bem-parecido Lorde Velaryon escolhera seda verde-mar, com o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta a combinar com o seu longo cabelo claro. O Lorde Bar Emmon, esse roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo púrpura debruado com pele de foca branca, Sor Axell Florent permanecia modesto mesmo vestido de castanho e de pele de raposa, o piedoso Lorde Sunglass usava selenite na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão lisenó Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlata, ouro e jóias. Só Sor Davos se vestia simplesmente, com um gibão castanho e um manto de lã verde, e só Sor Davos lhe enfrentou o olhar, com piedade nos olhos.

— Estais demasiado doente e confuso para me serdes útil, velho. — Soava tanto como a voz de Lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. — Daqui em diante, Pylos aconselhar-me-á. Já lida com os corvos, uma vez que já não sois capaz de subir até ao viveiro. Não deixarei que vos mateis ao meu serviço.

O Mestre Cressen pestanejou. *Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não podes fazer isto, não sabes como me preocupeis contigo, vivi para ti, te amei apesar de tudo? Sim, amei-te, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois tu eras o mal-amado, aquele que mais precisava.* Mas tudo o que disse foi:

— Às vossas ordens, senhor, mas... mas tenho fome. Poderia ocupar um lugar à vossa mesa? — *A teu lado, o meu lugar é a teu lado...*

Sor Davos levantou-se do banco.

— Ficaria honrado se o Mestre se sentasse aqui a meu lado, Vossa Graça.

— Como quiserdes. — Lorde Stannis virou-se para dizer qualquer coisa a Melisandre, que se tinha sentado do seu lado direito, no lugar de grande honra. A Senhora Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas jóias.

Longe de mais, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde Sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassallos interpunha-se entre o contrabandista e a mesa elevada. *Tenho de ficar mais perto dela, se quiser pôr-lhe o estrangulador na taça, mas como?*

O Cara-Malhada andava a cabriolar por ali enquanto o Mestre abria o seu lento caminho em volta da mesa até Davos Seaworth.

— Aqui comemos peixe — declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um ceptro. — Debaixo do mar, os peixes comem-nos a nós. Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Sor Davos deslocou-se para o lado, a fim de arranjar lugar no banco.

— Hoje devíamos estar todos vestidos às cores — disse ele lugubrememente quando Cressen se sentou — pois o que estamos a fazer é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas, e portanto Stannis tenciona insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Temo que antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu... o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram as protuberâncias que os cristais faziam na lã.

— Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

— *Rei* Stannis. Esqueceis-vos do vosso lugar, Mestre.

— Ele é velho, a sua mente divaga — disse-lhe o rei num tom rabugento. — Que se passa, Cressen? Dizei o que estais a pensar.

— Visto que tencionais zarpar, é vital que façais causa comum com o Lorde Stark e a Senhora Arryn...

— Não faço causa comum com ninguém — disse Stannis Baratheon.

— Tal como a luz não faz causa comum com a escuridão. — A Senhora Selyse tomou-lhe a mão.

Stannis concordou com um aceno.

— Os Stark procuram roubar-me metade do reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão as espadas, servidores e castros que são meus de direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

Perdi-o, pensou Cressen, desesperando. Se ao menos conseguisse de algum modo aproximar-se de Melisandre sem ser visto... não precisava de mais do que de um instante de acesso à sua taça.

— Sois o herdeiro legítimo do vosso irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens — disse desesperadamente — mas mesmo assim, não podeis ter esperança de triunfar sem aliados.

— Ele tem um aliado — disse a Senhora Selyse. — R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração do Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

— Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos — insistiu o velho — e *esse* não tem poder algum aqui.

— Julgais que não? — O rubi que Melisandre usava à garganta

capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa. — Se proferis tal tolice, Mestre, devíeis voltar a colocar a vossa coroa.

— Sim — concordou a Senhora Selyse. — O elmo do Malhas. Fica-vos bem, velho. Voltai a colocá-lo, ordeno-vos.

— Debaixo do mar ninguém usa chapéus — disse o Cara-Malhada. — Eu sei, eu sei, hei, hei, hei.

Os olhos de Lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobranceiras, e tinha a boca apertada enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia sempre os dentes quando se zangava.

— Bobo — rosnou por fim —, a senhora minha esposa ordena. Dá o elmo a Cressen.

Não, pensou o velho mestre, este não és tu, não são estes os teus modos, sempre foste justo, sempre duro mas nunca cruel, nunca, não compreendias a troça melhor do que compreendias o riso.

O Cara-Malhada aproximou-se a dançar, fazendo soar os badalos, *clang-a-clang, ding-ding, clinc-clanc-clinc-clanc*. O Mestre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo lhe depositava o balde guarnecido de hastes na cabeça. Cressen baixou a cabeça com o peso. Os badalos ressoaram.

— Ele daqui para a frente talvez deva cantar os seus conselhos — disse a Senhora Selyse.

— Ides longe de mais, mulher — disse o Lorde Stannis. — É um velho, e serviu-me bem.

E servir-te-ei até ao fim, meu querido senhor, meu pobre filho solitário, pensou Cressen, pois de súbito encontrou uma maneira. Tinha a taça de Sor Davos à sua frente, ainda meio cheia de tinto amargo. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, e apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. *Movimentos tranquilos, hábeis, agora não posso atrapalhar-me,* rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia anos que não tivera as mãos tão firmes, nem com metade da fluidez. Davos viu, mas mais ninguém, tinha a certeza. De taça na mão, pôs-se em pé.

— Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quereis partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do vosso deus, o vosso Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao seu poder?

A mulher vermelha estudou-o.

— Se quiserdes.

Podia sentir todos a observá-lo. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo-lhe a manga com os dedos que Lord Stannis tinha encurtado.

— Que estais a fazer? — sussurrou.

— Uma coisa que tem de ser feita — respondeu o Mestre Cressen — a bem do reino e da alma do meu senhor. — Sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nas esteiras.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens postos neles. Mas Cressen só a via a ela. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho na garganta, lábios vermelhos encurvados num ténue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

— Não é tarde de mais para derramar o vinho, Mestre.

— Não — disse ele com um murmúrio enrouquecido. — Não.

— Como quiserdes. — Melisandre de Asshai tirou-lhe a taça das mãos e bebeu longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo. — E agora vós.

Cressen tinha as mãos a tremer, mas obrigou-se a ser forte. Um mestre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na língua. Deixou a taça vazia cair-lhe dos dedos e ir estilhaçar-se no chão.

— Ele *tem* poder aqui, senhor — disse a mulher. — E o fogo purifica. — Na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. A sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar ar. Dedos de ferro apertaram-se-lhe em torno do pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda abanava a cabeça, negando-a, negando o seu poder, negando a sua magia, negando o seu deus. E os badalos retiniam-lhe nas hastes, cantando *tolo, tolo, tolo* enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão, tão vermelhos.